

O PAPEL DO FUTEBOL NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Fernando da Costa Ferreira¹

Introdução

Os séculos XIX e XX caracterizaram-se pelo intenso desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação, que serviram para encurtar as distâncias entre os mais diversos pontos do planeta. Além disso, o fortalecimento dos estados nacionais em substituição aos antigos impérios continentais e coloniais provocou uma emergência dos sentimentos nacionalistas e o fortalecimento das identidades nacionais, constituindo-se num dos principais traços da modernidade (HALL, 1997). Desse contexto, o esporte soube se aproveitar muito bem. A popularização das competições esportivas entre nações transformou os gramados, quadras e pistas em pequenas reproduções dos campos de batalha, nos quais as vitórias de um indivíduo ou equipe passaram a assumir uma dimensão jamais imaginada, sendo apropriadas politicamente pelos governos nacionais para provar a superioridade de uma nação, etnia ou sistema de governo. Este processo também serviu para forjar traços identitários em diversas nações como são os casos clássicos do futebol no Brasil e do *rugby* na Nova Zelândia. Dessa forma, o presente trabalho visa analisar de que maneiras a ligação entre esporte e identidade influenciaram o contexto da modernidade desde a segunda metade do século XIX até os dias atuais, quando se fala de uma crise das identidades tradicionais.

Esporte e Identidades

Ao tratarmos do caso específico do futebol, podemos afirmar que ele (assim como as identidades nacionais), constitui-se num dos principais elementos relacionados à modernidade. A sua disseminação pelo planeta, muito teve a ver com a intensa urbanização experimentada pela Inglaterra na segunda metade do século XIX. Giulianotti (2002) afirma que entre 1820 e 1860 surgiu um enorme vácuo no lazer popular, com o abandono dos antigos esportes praticados nas aldeias (adestramento de

¹ Doutorando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e professor de Geografia do Instituto Benjamin Constant (Rio de Janeiro). Contato: bfgeo@uol.com.br

cães para atacar ursos, futebol primitivo, briga de galos etc.) pela população que seguia em massa rumo às cidades em busca de emprego nas indústrias. Desse modo, fazia-se necessário que esse numeroso contingente humano adotasse uma nova forma de distração para os seus raros momentos de lazer. Sendo assim, o futebol moderno veio não somente a preencher essa lacuna como também se transformou num dos principais símbolos de uma nova sociedade urbana e industrial. Não foi a toa que Hobsbawn (1987) classificou-o como “a religião leiga da classe operária”.

O fato da Inglaterra, na passagem do século XIX para o XX, ainda despontar como a principal potência marítima, colonial, comercial e industrial do planeta serviu para que o futebol rapidamente se difundisse numa escala mundial. Os técnicos, operários, marinheiros e comerciantes ingleses espalhados por todo o globo, para onde quer que fossem, levavam consigo uma bola, promovendo *peladas*, nas quais apresentavam o novo esporte à população local, servindo como verdadeiros “missionários da bola”. Segundo Pereira (2000), o futebol aparecia naquela época como “uma celebração da identidade bretã” (p.27). A força com a qual esta modalidade se espalhou por boa parte do planeta se deu de uma forma tão impressionante que, Mascarenhas (2002) afirma ser este esporte “o mais duradouro, bem sucedido e disseminado produto de exportação da sisuda Inglaterra vitoriana”.

Entretanto, nos dias atuais, é comum encontrar autores que apontem a existência de uma crise das identidades tradicionais. Stuart Hall (1997), ao tratar da questão identitária na pós-modernidade, afirma que as identidades modernas estão sendo “descentradas”, ou seja, passam por um processo de deslocamento ou fragmentação. Para o autor, existem três concepções de identidade: a primeira trata do sujeito do Iluminismo, baseado na concepção humana, onde o indivíduo apareceria centrado, unificado, dotado das capacidades da consciência da razão e da ação. Nesta concepção individualista do sujeito, a identidade da pessoa seria o centro essencial do seu eu; a segunda refere-se ao sujeito sociológico, fruto da maior complexidade das sociedades modernas e da consciência de que o sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas sim “formado da relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para o sujeito os valores, sujeitos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava” (p.11-12). De acordo com essa perspectiva, a identidade seria formada na interação

entre o eu e a sociedade. Assim sendo, nossos sentimentos subjetivos podem se alinhar aos lugares objetivos, resultando no processo de criação de identidades culturais; a terceira concepção de identidade, a do sujeito pós-moderno seria fruto da fragmentação de identidades da qual o autor fala. Para ele, “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (p.12-13). Consequentemente, tal processo resultaria na formação de um sujeito pós-moderno, desprovido de uma identidade fixa, essencial ou permanente, assumindo dessa forma várias identidades de caráter passageiro.

Maffesoli (2000) trata do papel da identidade nas sociedades pós-modernas, onde, segundo ele, a emergência dos tribalismos tomaria o lugar do individualismo. Para o autor, o que ligaria uma pessoa a uma ou mais tribos diferentes seria o sentimento de pertença, em função de uma ética específica e no quadro de uma rede de comunicação (p.194). Tal sentimento pode ser reafirmado pelo desenvolvimento tecnológico representado pelo computador ou a televisão a cabo. Essas tribos se caracterizariam por possuir uma temporalidade própria, muitas vezes efêmera, organizada de acordo com as ocasiões que se apresentam. Para Maffesoli, as pessoas estariam vivendo cada vez mais como “celibatários”, porém, o fato das pessoas serem solitárias, não necessariamente significa que elas vivam isoladas. Segundo o autor:

(...) o “celibatário” se junta a tal ou qual grupo, se liga a tal ou qual atividade. E assim, através de múltiplos vieses (...), se constituem “tribos” esportivas, de amigos, sexuais, religiosas ou outras. Cada uma delas tem durações variáveis de vida, conforme o grau de investimento de seus protagonistas (p.195)

Mesmo considerando válidas as ideias apresentadas por esses autores acerca da pós-modernidade, podemos criticar a caracterização dos tribalismos nas sociedades pós-modernas elaborada por Maffesoli relacionando-a com a identificação que uma pessoa possui com o seu time de futebol, chamado popularmente e, com muita propriedade, de “time do coração”. Ao contrário dos tribalismos pós-modernos, que são efêmeros e que se dão de acordo com as ocasiões que se apresentam, a escolha de um time de futebol talvez represente a decisão mais duradoura tomada na vida de um ser humano (principalmente, mas não exclusivamente, do sexo masculino). Vogel (1982) afirma que

“no Brasil, recebemos, do berço, o nome, a religião, e o clube de futebol, que, juntamente com o sexo e o estado civil, nos acompanharão pelo mundo social em que acabamos de entrar” (p.77). Sobre o time de futebol, podemos afirmar que essa escolha que fazemos, geralmente por volta dos sete, oito anos de idade, na grande maioria das vezes é algo definitivo, imutável, imune a modismos. Basta ver o exemplo de grandes times brasileiros e estrangeiros como Vasco da Gama, Palmeiras, Juventus - ITA e Glasgow Rangers - ESC, que, mesmo quando relegados a divisões inferiores, não foram abandonados por seus torcedores, sendo que, em muitos casos, o fanatismo por esses clubes só fez crescer².

No mundo atual, não se deve negar a importância do esporte como um dos mais importantes construtores de identidades, seja na escala nacional ou regional. A esse respeito, escreveu Eric Hobsbawn (1984):

Tanto o esporte das massas quanto o da classe média uniam a tradição das invenções sociais e políticas de uma outra forma: constituindo um meio de identificação nacional e comunidade artificial. (...) A ascensão do esporte proporcionou novas expressões de nacionalismo através da escolha ou invenção de esportes nacionalmente específicos – o *rugby* galês diferente do futebol inglês, e o futebol gaélico na Irlanda (1884), que adquiriram apoio genuíno das massas aproximadamente 20 anos depois (p. 309).

Ao tratar da questão identitária tendo como base a região, Bourdieu (1989) afirma que a busca por critérios objetivos para a construção de uma identidade regional ou étnica não deve esquecer que, na prática social esses critérios derivam de representações mentais e de representações objetais. Por representações mentais, entender-se-ia, como os atos de percepção e apropriação nos quais os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos. A língua, o dialeto e o sotaque seriam exemplos dessas representações. Já as representações objetais se dariam através de coisas ou atos, por meio da manipulação simbólica, com o objetivo de determinar a representação mental que os outros podem ter dessas propriedades e de seus portadores. (p.112)

² Um caso emblemático acerca do que estamos afirmando diz respeito ao Glasgow Rangers, que teve em 2012 a sua falência decretada pela justiça britânica, sendo obrigado a recomeçar a partir da *Third Division*, equivalente à Quarta Divisão escocesa. Como prova de fidelidade, a média de público da equipe na competição ao longo de toda a temporada 2012/2013 alcançou a marca de 45.744 pagantes nas partidas disputadas no *Ibrox Stadium*, cuja capacidade total é de 51.082 torcedores. (<http://br.soccerway.com/national/scotland/third-division/20122013/regular-season/r18248/>)

Podemos utilizar a ideia de identidades regionais ou nacionais relacionando-as à identidade clubística. Quando alguém pertence a um clube, faz parte de uma “nação”, como bem mostra a expressão “nação rubro-negra” para designar à torcida do Flamengo, time mais popular do Brasil. Identidade essa que se exprime através de toda uma carga de representações mentais e objetais. Há todo um simbolismo por trás dos clubes, seja através do uso da figura de mascotes como o coelho (América-MG); apelidos: “Timão” (Corinthians); gentílicos: “colorado” (Internacional); ou mesmo de jogadores, personagens cuja identificação com um clube atravessa gerações, construída pela figura do ídolo, representada, por exemplo, por Tostão (Cruzeiro) e Zico (Flamengo). Até mesmo as seleções nacionais são conhecidas por outras designações, tais como: “Leões Indomáveis” (Camarões) e “Celeste Olímpica” (Uruguai).

Numa partida entre seleções, estão expostas sobre o campo de jogo as representações de diversos símbolos nacionais, como os hinos, bandeiras e uniformes dos dois times, que, salvo raras exceções, reproduzem as cores dos seus pavilhões³. No Brasil, e em diversos países, a seleção de futebol adquiriu um status tão elevado que, não seria nenhum absurdo afirmar que ela própria já teria sido elevada à condição de símbolo nacional, representado pela famosa expressão “pátria de chuteiras”⁴.

Em sua dissertação de mestrado, Marcos Souza (1996) analisa o papel das torcidas dos clubes de futebol, comparando-as a micronações, dotadas de territorialidade própria. De acordo com ele:

No futebol brasileiro, as torcidas possuem características de (micro-) nações. (...) São limitadas, pois também existem outras, além das “fronteiras clubísticas”, de bairros, de cidades, de municípios, de Estados, de regiões ou de Nações. Isto significa que as torcidas de futebol, onde quer que apareçam, serão sempre relacionadas com a identidade do torcedor derivando da definição em relação a um outro. As torcidas são também imaginadas. Um torcedor de futebol não se encontra, ouve ou interage com todos os outros membros da torcida da qual faz parte, nem com os integrantes da equipe de sua preferência, mas imagina-os como pertencendo a uma mesma coletividade, uma mesma comunhão. Por fim, as torcidas são comunidades, pois são concebidas

³ São raros os exemplos de seleções nacionais que não acompanham no seu uniforme de jogo as mesmas cores da bandeira nacional. Os dois exemplos mais significativos dizem respeito à seleção holandesa, mundialmente conhecida como *Laranja Mecânica*, cujo uniforme homenageia a cor oficial da família real; e, a seleção italiana, ou, *Squadra Azzurra*, que tem no azul a mesma cor que simbolizava a Casa de Savóia, a família real italiana até a primeira metade do século XX.

⁴ Outros esportes possuem esse poder de se transformar em símbolo nacional. Podemos citar os exemplos da tradicional seleção neozelandesa de rugby, mundialmente conhecida como *All Blacks* devido ao seu uniforme todo negro, e do *Dream Team*, seleção de basquete dos Estados Unidos, verdadeiras referências nesses esportes.

como profunda e horizontal camaradagem, apesar das diferenças existentes dentro delas. (SOUZA, 1996, p.45 apud DAMO, 2000, p.53)

A respeito da existência de uma territorialidade relacionada aos times de futebol e suas torcidas, fica bem claro que para sentir-se torcedor de um time não é necessário pertencer ao clube enquanto instituição social, pois a territorialidade do torcedor ultrapassa em muito aos limites físicos do clube. A esse respeito, Damo (2002) escreve que:

Os clubes de futebol, do ponto de vista dos torcedores, possuem uma existência virtual que, na maioria das vezes, se sobrepõe à sua existência real. O Inter, por exemplo, tinha uma torcida estimada em pouco mais de 4,5 milhões de colorados em 1993 mas, nos últimos dez anos, nunca ultrapassou os 10 mil associados. Considerando-se ainda que a grande maioria dos 4,5 milhões de colorados nunca viu seu time de coração jogar “ao vivo” nem por isso se consideram menos apaixonados, convém uma indagação: que espécie de pertencimento é esse? Afinal, o que desperta tanto fascínio no clube do coração? (p.53-54).

Talvez a resposta a essa pergunta resida no fato de que a identidade de um clube não se construa na sua plenitude sem que, para isso, haja a figura do outro. O Vasco da Gama não seria o que é hoje se não houvesse o Flamengo, assim como Grêmio e Cruzeiro também não possuiriam a dimensão atual se não fosse pela existência de Internacional e Atlético, respectivamente. Como bem diz Damo, “o ‘ser gremista’, tomado isoladamente, pouco tem a dizer. A paixão pelo Grêmio implica também na aversão ao Internacional” (p.54). A identificação do torcedor com o clube muitas vezes relacionava-se com a questão da classe social à qual o indivíduo pertencia. Enquanto que, em Porto Alegre, o Internacional representava o time do povo, o Grêmio tinha sua imagem ligada à elite de origem germânica e ao preconceito racial, vindo inclusive a aceitar o primeiro jogador negro (Tesourinha) apenas em 1952⁵.

Em muitos casos, os símbolos que servem para representar os clubes de futebol nasceram a partir de uma visão estereotipada e preconceituosa acerca da origem e da

⁵ Exemplos acerca da questão da rivalidade no futebol podem ser observados nas mais diferentes escalas, começando pelo bairro (Independiente x Racing, em Avellaneda, Buenos Aires), passando pela cidade (Vasco x Flamengo, no Rio de Janeiro; Grêmio x Internacional, em Porto Alegre; Milan x Internazionale, em Milão); da região (Athletic Bilbao x Real Sociedad, no País Basco); chegando à escala nacional (Real Madrid – Barcelona, na Espanha). Além disso, ela pode atingir outras dimensões, como a religiosa. O caso mais emblemático acerca do que estamos afirmando diz respeito à rivalidade que há mais de cem anos divide a cidade de Glasgow (Escócia) entre os católicos do Celtic e os protestantes do Rangers.

condição social de seus torcedores. Ao fazer uma análise sobre três dos maiores times cariocas (Vasco, Flamengo e Fluminense), Flores (1982) relata o seguinte:

Os **símbolos criados pelas torcidas** são significativos da presença dessa divisão social na ideologia do torcedor. Tomando como exemplo o futebol carioca: o **urubu**: animal preto, «sujo», e magro é o símbolo do Flamengo («time de preto»); o bacalhau: alimento típico da cozinha portuguesa ou um **almirante**: português, gordo, bigodudo, (satirizando o patrono do clube), são os símbolos do Vasco da Gama; o **pó-de-arroz**: produto supérfluo, apontando para a suposta riqueza, limpeza, dandismo e elitismo «branco» do clube que simboliza – o Fluminense.

Os símbolos se antagonizam de maneira mais ou menos aguda: os caracteres «preto», «sujo», «pobre» do Flamengo estão em oposição aos caracteres «branco», «limpo» e «rico» do Fluminense, cuja «finura» se opõe não só à «vulgaridade» do urubu flamenguista mas também à «grossura» portuguesa, cuja «abastança» (alimento/gordura do almirante) se opõe à «magreza» do símbolo do Flamengo. (p.53. *grifos do autor*).

Ainda em relação a essa questão da construção da identidade a partir da diferença, torna-se necessário entender o que Woodward (2000) pensa a esse respeito. De acordo com a sua visão:

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de *sistemas simbólicos* de representação quanto por formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença- a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de *sistemas classificatórios*. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal e qual seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos – nós/eles (por exemplo, servos e croatas); eu/outro (p.39-40).

Podemos fazer uma ponte entre essa análise acerca do processo de construção identitária com o pensamento de autores que afirmam que a identidade muitas vezes estaria ligada não somente às construções estabelecidas dentro do próprio grupo, mas a partir de observadores externos. Dessa maneira, a identidade seria construída a partir do olhar do outro (CLAVAL, 1999: 14). Podemos constatar o que estamos afirmando, relacionando o que Alfredo Bosi (s/d) afirmava ser o retrato do povo brasileiro, construído por intelectuais europeus ou europeizados entre 1870 e 1920: (apático, desanimado, sem iniciativa, irritável, em rápida extenuação, desequilibrado, mais apto para queixar-se do que para inventar),⁶ com o artigo publicado por Graciliano Ramos, em 1921, no qual criticava a crescente popularização do futebol no Nordeste. Segundo ele, o futebol jamais se tornaria verdadeiramente popular no Brasil uma vez que:

⁶ Alfredo Bosi, em “As aventuras e desventuras de uma ideologia”, prefácio de *O caráter nacional brasileiro*.

“...somos, em geral, franzinos, mirrados, fraquinhos, de uma pobreza de músculos lastimável. (...) fisicamente falando, somos uma verdadeira miséria. Moles, bambos, murchos, tristes - uma lástima! Pálpebras caídas, beijos caídos, braços caídos, um caimento generalizado que faz de nós um ser desengonçado, bisonho, indolente, com ar de quem repete, desenhado e encolhido, a frase pulha que se tornou popular: Me deixa” (RAMOS, 1921 *apud* SOARES & LOVISOLO, 2001, p.125).

Esse retrato altamente preconceituoso elaborado a respeito do nosso povo acabou sendo por ele mesmo incorporado e, como visto, por parte de nossos intelectuais, vindo a se refletir num complexo de inferioridade que o brasileiro possui até hoje em relação a outros povos, em especial aos dos países desenvolvidos. Não é nada incomum encontrar pessoas que, para negar essa “inferioridade”, existente pelo simples fato de ser brasileiro, evocam suas origens em antepassados europeus que, na maior parte das vezes, nem chegaram a conhecer. Era o que Nelson Rodrigues chamava de “complexo de vira-latas”, como fica bem claro na seguinte crônica, de 1958:

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. (RODRIGUES, 1993, p.52)⁷

O trecho acima reproduzido diz respeito à última crônica escrita por Nelson Rodrigues antes da estréia da Seleção brasileira na Copa do Mundo de 1958, na Suécia. O nosso “vira-latismo” futebolístico refletia uma imagem que o brasileiro fazia de si mesmo em todos os campos. Um complexo de inferioridade em relação aos demais povos. Entretanto, foi o esporte que fez com que o nosso povo superasse, em parte, esse complexo. Logo após a conquista do Campeonato Mundial, o mesmo Nelson Rodrigues (1993) bradava:

Já ninguém mais tem vergonha da sua condição nacional. E as moças na rua, as datilógrafas, as comerciárias, as colegiais, andam pelas calçadas com um charme de Joana d’Arc. O povo já não se julga mais um vira-latas. Sim, amigos: - o brasileiro tem de si mesmo uma nova imagem. Ele já se vê na generosa totalidade de suas imensas virtudes pessoais e humanas. (...) diziam que nós éramos a flor de três raças tristes. A partir do título mundial, começamos a achar que a nossa tristeza é uma piada fracassada. Afirmava-se também que éramos feios. Mentira! Ou, pelo menos, que o triunfo embelezou-nos. Na pior das hipóteses, somos uns ex-buchos. (...) – o brasileiro sempre se achou um cafajeste irremediável e invejava o inglês. Hoje, com a nossa impecabilíssima linha

⁷ A derrota à qual Nelson Rodrigues faz menção, ocorreu num amistoso realizado em 1957, no estádio de Wembley, vencido pelo *English Team* por 4x2.

disciplinar no Mundial, verificamos o seguinte: - o verdadeiro, o único inglês é o brasileiro⁸. (p.60-61)

Este texto mostra bem a importância que o esporte, de um modo geral, e o futebol, em especial, possui para a formação de uma identidade brasileira, baseada no sucesso, na vitória, verdadeiro símbolo da pátria, respeitado e admirado no mundo inteiro.

Considerações Finais

Como vimos, a relação entre identidade e esporte envolve toda uma questão relativa à paixão, na qual, o racional, muitas vezes, acaba relegado a um segundo plano. O que era um produto importado, inglês, ganhou no Brasil ares de religião. Não que esse fanatismo seja privilégio apenas nosso, pelo contrário, o futebol arrasta legiões de seguidores por quase todo o planeta, mas em poucas partes do globo, o papel social desse esporte assumiu contornos tão claros quanto em nossa terra, internacionalmente identificada como o “país do futebol”.

Procuramos mostrar neste texto, que uma identidade pode ser construída através de uma ou mais identidades herdadas. Também constatamos que o processo de construção de identidades se dá muitas vezes através do olhar que os outros fazem sobre nós mesmos e, num outro nível, que somos o que somos graças à existência do outro, o nosso antagonista.

Por fim, criticamos a ideia de múltiplas identidades de caráter transitório, características das sociedades pós-modernas. Não que essas idéias não possam ser aplicadas a outros setores de nossas vidas, mas, principalmente no caso do futebol, no que diz respeito à paixão clubística ela serve como exemplo de que, pelo menos para a maior parte das pessoas existe ao menos uma *tribo* que escapa ao caráter efêmero da

⁸ A conquista de 1958 possui uma dimensão ainda mais ampla do que imaginamos, pois sepultou definitivamente a idéia de que atletas não brancos não seriam mentalmente capazes de representar o Brasil em competições internacionais, tese essa reforçada após o vice-campeonato mundial em 1950, onde a culpa atribuída à derrota recaiu sobre os ombros de Barbosa, Bigode e Juvenal, todos negros (MÁRIO FILHO, 2003). Foi elaborado então, um relatório, conhecido como *Dossiê Ku Klux Klan*, desaconselhando a convocação de atletas negros, mulatos e descendentes de índios sob a alegação de que eles teriam uma capacidade de lidar com situações adversas, nitidamente inferior à dos atletas brancos (AGOSTINO, 2002, 151).

identidade defendido por esses autores, além de servir como um dos mais importantes elementos construtores da nossa identidade.

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. (cap. V: A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região.) Lisboa, DIFEL e Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.

CLAVAL, Paul. *O Território na Transição da Pós-Modernidade*. *GEOGRAPHIA*, Revista de Pós-Graduação em Geografia da UFF, Niterói/RJ, UFF/EGG, ano 1, nº 2, 1999.

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

FLORES, Luiz Felipe Baêta Neves. *Na Zona do Agrião. Sobre Algumas Mensagens Ideológicas do Futebol* (p. 43-58). In: DaMATTA, Roberto *et alli*. *Universo do futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria. 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*/Stuart Hall, tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*: tradução de Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LANCEPRESS! *Glasgow Rangers anuncia falência e mudará de nome*. Disponível em http://www.lancenet.com.br/minuto/Glasgow-Rangers-anuncia-falencia-mudara_0_718728320.html Acesso em 26 de março de 2014.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MÁRIO FILHO. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MASCARENHAS, Gilmar. *O lugar e as redes: futebol e modernidade na cidade do Rio de Janeiro* (pp. 127 – 142). In: MARAFON, G. e RIBEIRO, M. (orgs.) *Estudos de Geografia Fluminense*. Rio de Janeiro: Infobook, 2002,

PEREIRA, Leonardo Affonso de. *Footballmania: uma história social no futebol do Rio de Janeiro: 1902-1938*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol* / Nelson Rodrigues; seleção e notas Ruy Castro. – São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOCCERWAY. Disponível em <http://br.soccerway.com/national/scotland/third-division/20122013/regular-season/r18248/>. Acesso em 26 de março de 2014.

SOARES, Antonio Jorge & LOVISOLO, Hugo. *O futebol é fogo de palha: a “profecia” de Graciliano Ramos*. (p. 123-133). In: HELAL, Ronaldo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

SOUZA, Marcos. *A “Nação em Chuteiras”: Raça e Masculinidade no Futebol Brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social: Brasília/UNB. 1996.

VOGEL, Arno. *O Momento Feliz. – Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional* (p. 75-115). In: DaMATTA, Roberto *et alli*. *Universo do futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*/Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.